

A POÉTICA DE PAULO NUNES, COMUNICAÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA¹

Nathália da Costa Cruz² (UEPA/SEMEC)

Josebel Akel Fares³ (UEPA)

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, uma espécie de amostra biobibliográfica, uma apresentação em sobrevoo rasante da/poética do escritor paraense Paulo Nunes. A escrita biográfica transporta um amplo conjunto de valores que constituem o biografado – as impressões pessoais e concepções estéticas; a formação sociocultural; a história de vida e as rasuras na concepção/criação da obra literária. Escrever sobre a vida de um poeta é contar/cantar não somente a história do autor, mas também um pouco a história de cada livro. Uma obra literária é, pois, um documento que nos possibilita (re)conhecer quem a criou, seu étimo espiritual e literário, a sua visão de mundo. Com efeito, importa registrar o nome deste escritor de obra poética vasta e significativa, mas até então pouco conhecida, e depois, quem sabe, levá-la às escolas das redes municipal e estadual de educação de Belém/PA. Deste modo, a construção do diálogo comunicação, língua, literatura, educação é de grande relevância, visto o emergente levante pelo desvelamento da produção de escritores e intelectuais de nossa região. Elevar a cultura amazônica e amalgamá-la à nacional, nos âmbitos literário e educacional, é imprescindível, para que possa a literatura de expressão amazônica ser uma das fontes em que se abeberem os leitores e, a partir dela, apurem o gosto pela literatura universal.

Palavras-chave: Poética. Paulo Nunes. Biobibliografia. Comunicação Estética. Enunciação Literária.

“Poeta não tem biografia; tem poesia.”
(Manoel de Barros)

O recorte histórico e epistemológico na pesquisa em Educação reflete a pluralidade e complexidade temática dos seus objetos e indica uma variedade de referenciais teórico-metodológicos, dada à natureza transdisciplinar do fenômeno

¹ Este texto forma parte do segundo capítulo de minha dissertação de Mestrado em Educação – Linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia, da Universidade do Estado do Pará, defendida em 2013, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Josebel Akel Fares. A dissertação está disponível para *download* em: <http://paginas.uepa.br/mestradoeducacao/index.php?option=com_rokdownloads&view=file&Itemid=25&id=524:dissertao-cruz-nathalia-da-costa-2>.

² Nathália CRUZ. Universidade do Estado do Pará. Secretaria Municipal de Educação – Belém/PA. E-mail: nathaliacruz@ymail.com; nath_2a@hotmail.com

³ Josebel FARES. Universidade do Estado do Pará. E-mail: belfares@uol.com.br

educativo. Nessa perspectiva, para se estabelecer conexões entre a Literatura, Educação e Recepção Literária, faz-se necessário traçar um itinerário no qual se conjuguem a obra literária e a vida, de onde se passa a pensar numa memória afetiva que se inscreve no traçado de uma biografia.

A decisão de escrever uma biografia implica a crença e na capacidade de se chegar até a individualidade, até a personalidade do personagem que constitui o tema da biografia, porque se pode dispor dos meios documentais e instrumentos metodológicos para tanto. Uma verdadeira biografia histórica não pode ser senão a tentativa de descrever uma figura individual, sem logicamente separá-la da sociedade, de sua cultura, de seu contexto; pois não há oposição entre indivíduo e sociedade, e sim uma permanente interação entre eles. É preciso então tentar demonstrar que se tem essa possibilidade.⁴

Na interioridade/subjetividade de um poeta há mais que a vida, há a poesia, como bem adverte Manoel de Barros na epígrafe deste escrito. Difícil é penetrar o âmago da questão, na intimidade de uma vida que respira/transborda a poesia. Portanto, o que aqui se pretende é uma espécie de amostra biográfico-poética, uma apresentação panorâmica, um sobrevoo rasante da/na literatura de Paulo Nunes.

Escrever sobre Paulo Nunes é contar/cantar não somente a história do autor, mas também um pouco a história dos livros que ele escreveu e publicou. Todo texto, como se sabe, está sujeito à interpretação e toda interpretação começa a partir da primeira leitura – a do autor, quando, salvo engano, a teoria da Recepção tende a se mostrar plena. Uma obra literária é, pois, um documento que nos possibilita conhecer quem a criou, seu étimo espiritual, a sua visão de mundo. As várias leituras sucessivas de uma obra literária nos entregam/revelam, pouco a pouco, os segredos do **eu** criador e criativo. Nesta recomendação, propõe-se aqui um recorte de uma obra literária, apresentando alguns aspectos característicos de um autor que ainda encontra-se à margem do cânone literário amazônico/brasileiro. Mas, antes, vamos à leitura do poeta. Apresento-lhes, pois, Paulo Nunes.

Paulo Jorge Martins Nunes, ou simplesmente Paulo Nunes, vive pendurado, feito uma aranha aprendiz, no fio da palavra; ora é professor, ora poeta. É canceriano e

⁴ (LE GOFF, 2007, p. 241).

nasceu em Belém do Pará, na Amazônia, terra onde quase tudo – cheiros, cores, sons, temas (inclusive contrastes) – é exagerado. Entrelaçou-se a Josse, uma libriana descendente de Sherazade. Seu primeiro livro foi sua avó, Dona Judith, uma cabocla marajoara que contava lendas e histórias dos povos da floresta⁵.

Paulo Nunes é Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), onde escreveu a tese **Útero de Areia, um estudo do romance Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir**. É Mestre em Letras – Teoria Literária, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com a dissertação intitulada **Aquonarrativa dalcidiana: uma leitura do tecido narrativo de Chove nos Campos de Cachoeira**. Trabalha como professor nas áreas multidisciplinares de Comunicação, Cultura e Linguagem Literária. Professor da Graduação em Letras e do Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Como professor-pesquisador atuou/atua nos projetos **Afroamalus: palavras e imagens, estudos de autores lusófonos: africanos, portugueses e brasilamazônicos** e **Literatura e Negritude**, ambos como coordenador de pesquisa.

Paulo Nunes participou ativamente do grupo lítero-musical **Mãos Dadas**⁶. O grupo criado em 1981, no Colégio Estadual Deodoro de Mendonça, surgiu de uma conversa-desafio entre Josse Fares e Ciro Pimenta, professores de Língua Portuguesa daquele estabelecimento público de ensino. A ideia era a de divulgar a literatura para os alunos, em trabalhos extraclasse, em complemento ao conteúdo ministrado em sala de aula. Entretanto, somente Josse levou a cabo o projeto.

Participou também do projeto **O Escritor na Cidade**, promovido pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em convênio com a Biblioteca Pública Arthur Vianna, através do qual percorreu diversos municípios do Pará (Marabá, Conceição do Araguaia, Vigia, Abaetetuba, Tucuruí).

No **XII Concurso de Contos da Região Norte – Contistas da Amazônia – Belém – Pará** (2005), promovido pela UFPA, foi premiado com o conto **Um Dedo**

⁵ Texto de contracapa do livro **Baú de bem-querer** (2006), com adaptações.

⁶ O nome **Mãos Dadas** tomou como inspiração o poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade. Tal qual o poema de insatisfação de Drummond, o grupo convidava à revolução pela arte, em especial à literária. Ressalta-se que em 1981, em época de redemocratização, o poema tornou-se um hino à contemporaneidade.

Bailarino e Azul. Em fevereiro de 2006, foi eleito o **Colunista da Semana do Café Literário do Jornal do Brasil**, com o conto **Feira**. Em maio do mesmo ano, a crônica **Santa Teresa nos embala no bonde**, foi divulgada em um sítio literário a nível nacional.

Participou, como poeta-homenageado, do **Projeto Janelas Literárias** (2008), da UFPA. Paulo Nunes e Benedicto Monteiro foram os escritores homenageados no **I Simpósio de Literatura Paraense – Pescadores de Palavras: poesia e prosa na rede do Norte** (2011) promovido pelo Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da UFPA.

Em 2012, Paulo Nunes participou do **Projeto Seiva**, promovido pela Fundação Cultural Curro Velho, cuja edição versou sobre **Literatura, conversações sobre arte e ofício**. O projeto traz a público, saberes da cultura contemporânea relacionados às múltiplas linguagens artísticas, estabelecendo um espaço de diálogo com artífices, artistas, educadores, instrutores e pesquisadores reconhecidos nas respectivas áreas de atuação.

Paulo Nunes estreou nas Letras em 1986, com **Em Citrial: uma história que parece duas, Prêmio Literatura Infantil da Prefeitura de Belém**, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC). Este livro trabalha com várias possibilidades de leitura – “há leitura da ilustração, de texto e ilustração, só de texto”, segundo resenha a escritora e professora paraense Maria Lúcia Medeiros no prefácio da obra.

O livro de poemas **Banho de Chuva** (BC), lançado pela primeira vez em 1990, chegou em 2014 à sexta edição. As quatro primeiras edições foram ilustradas por Tadeu Lobato, as mais recentes têm ilustrações de Emanuel Franco. **BC** é o livro mais conhecido do escritor, uma vez que recebeu o **Selo Salas de Leitura/ Bibliotecas Escolares**⁷ do Ministério da Educação (MEC); é considerado pela crítica como literatura infantil. **BC** corporifica um registro poético das reminiscências culturais de Belém. Água, tempo e memória formam a tríade em que se consubstancia a obra. Os

⁷ O Programa **Selo Salas de Leitura/ Bibliotecas Escolares** foi uma das primeiras ações nacionais voltadas para a biblioteca escolar e para o incentivo à leitura e à formação de leitores, no início da década de 1980. O programa incluía a seleção das obras, a compra e a distribuição dos livros para compor os acervos de bibliotecas e de escolas públicas em todo o país. O fato de ter recebido o Selo do MEC contribuiu para uma recepção mais efetiva da obra, uma vez que, espera-se, o livro tenha sido distribuído pelas bibliotecas públicas escolares de todo o Brasil, como atestou *in loco* o autor em visita à pequena Sena Madureira/AC, em 2004.

poemas surgem como arco-íris após a chuva. São retratos coloridos, pintados pelas cores da infância⁸.

A recepção efetiva de **Banho de Chuva** provocou a criação de ramificações interseccionais afetivas com o registro e representações do passado; daí surge **O mosquito qu'engoliu o boi**, segunda fase de desdobramentos poéticos, personagens e cenários da cidade **refiltrada** pela recordação lírica. E, a convite do professor e editor Edmir Perrotti, foi instigado a confeccionar mais um livro infantil a ser publicado pela Editora Paulinas, de São Paulo; estava ladrilhado o caminho para um terceiro momento de poesias, que se concretizou com **Baú de Bem-querer**. Aqui, pela primeira vez, com a estrutura de uma editora nacional, de forte penetração nas escolas, a poética de Paulo Nunes alcançou uma forma de distribuição permanente. Estas três obras compõem o que o autor denomina de **Trilogia para Belém**.

Em **O mosquito qu'engoliu o boi** (2002), lançado pela primeira vez pela em 1997 pela Editora Cejup, ao largo de dezesseis poemas e um texto em prosa, Paulo Nunes revolve os armazéns da memória e retoma como temática os tipos⁹ populares que resistem à urbanização da cidade de Belém. O livro, projeto gráfico e ilustrações de Emmanuel Nassar, foi uma das cento e cinquenta obras latino-americanas selecionadas para o **Salão do Livro da Juventude de Saint-Dennis** (1998), no Canadá francês. O título do livro por si só propicia uma imediata empatia com o leitor; surgiu de uma brincadeira com um dos poemas:

Jornaleiro

O jornaleiro pinta o sete
na quina
das esquinas da vida.
Ele anuncia mil manchetes
com sua voz de Sherazade:
– Olha lá olha lá
Caiu gelo no Pará!
– vamos ver, vamos ver
sal insosso pra comer!

⁸ (CRUZ, 2011).

⁹ Para Bosi (1991, p. 28, grifo do autor) os tipos são “[...] a *reprodução* seletiva do que parece mais característico de uma pessoa ou coisa” e esta é uma operação que revela aspectos típicos da vida social. O artista seleciona os perfis relevantes do mundo real/ objetivo, ou seja, os **originais** antes de (trans)figurá-los.

O jornaleiro – voz de vento –
anuncia a aurora da cidade
tricotando a notícia
como se fosse novidade a conversa que ele fia.
O moleque jornaleiro
borda linotipos nos caminhos
fervilhando grandes furos
e enfeitando novidades a vida:
– olha lá, vamos ler
cobra comeu jacaré!
– Venha ver...
– O que foi?
– O mosquito qu'engoliu o boi!
O pregão do molecote
alumia a rua todinha.
Eita anúncio barato
pra conquistar freguesia:
– Folhê, Províín...
Já de rouca e usada voz
ele desmonta,
página a página,
o letreiro aquele jornal.
Jornaleiro
que anuncia a quatro cantos
as manchetes do jornal:
– Diáário, Provííncia, Liberaal!¹⁰

Baú de Bem-Querer (2006), ilustrado por Cláudio Martins, foi indicado ao **Prêmio Jabuti de Melhor Ilustração** (2007). São narrativas em versos, poemas essencialmente líricos que contam as recordações guardadas no baú de bem-querer da infância. As lembranças, entendidas, no viés da lírica¹¹, como recordações, quando participam do processo de confecção literária, acabam por engendrar uma vasta teia figurativa. Nos textos presentes nos livros que compõem a **Trilogia para Belém** se pode observar uma unidade conceitual, na recorrência de imagens e motivos. O caráter autorreferencial será uma marca recorrente na literatura de Paulo Nunes.

Ou: poemas não são linguagens (2007) é um livro comemorativo dos 20 anos de literatura de Paulo Nunes. São sessenta e cinco poemas confeccionados em cerca de sete anos, subdivididos em três partes; quase todos apresentam uma epígrafe ou dedicatória que ora revelam as referências literárias do escritor, ora são dedicados aos

¹⁰ (NUNES, 2002, p. 9-10).

¹¹ (STAIGER, 1977).

seus amigos e professores. Como o título anuncia, os poemas da antologia são metalinguísticos, metapoéticos, metacriativos.

Paulo Nunes publica, em edições independentes, **Vaginário** (1993), e **Arco Mutante dos Huacos** (1997), ambos eróticos, ilustrados por Tadeu Lobato. O interessante da literatura erótica é a engenhosidade do poeta em transformar o que ao primeiro olhar pode parecer vulgar, em algo sublime, lascivo e, acima de tudo, lúdico. A ludicidade do erótico evoca ainda mais o prazer de se ler, a fruição de que tanto falava Barthes¹².

Paulo Nunes, durante a programação da **VII Feira Pan-Amazônica do Livro**, lança **Água de Moringa** (2003), que integra um dos quatro volumes da **Coleção Pará Didática**¹³, com capas de Emmanuel Nassar. Segundo resenha Maria Lúcia Medeiros, o **Água de Moringa** “apresenta-se como prosa fluente onde a região, a cidade, os costumes e personagens constituem, em legítima propriedade, das melhores expressões literárias dos temas e das coisas amazônicas”. Trata-se, novamente, de uma literatura de reminiscências, recriando a infância, tema recorrente na obra do escritor.

Fios de Meada (2005), obra bilíngue¹⁴, reconta, através da ótica dos autores, lendas e contos de duas localidades da Pan-Amazônia – Brasil e Guiana Francesa. Expressão do imaginário, o livro mostra como o homem amazônida constrói os alicerces de sua cultura baseado nas crenças, nos dizeres populares e nas lendas repassadas entre as gerações pela tradição da oralidade. Sobre a obra, o autor declara:

Este trabalho encerra um modo particular de contar os casos que eu escutava, antes de dormir, nas redes da infância. A voz de minha velha avó, dona Judith, cabocla do Marajó, nos industriava nas teias do “verdevagomundo”, para usar uma expressão do romancista Benedicto Monteiro [...] Não procurei descobrir a pólvora – isso seria burrice da minha parte, pois não?, fiz apenas puxar mais um fio nesse imenso novelo de palavras que é tecido pelo imaginário do Norte do Brasil¹⁵.

¹² (BARTHES, 2008).

¹³ A coleção da Editora Amazônia chega ao mercado editorial com a proposta de servir de base para projetos didáticos que incluam a Literatura paraense nos currículos de escolas públicas e privadas da Amazônia.

¹⁴ O livro é bilíngue, pois foi escrito por autores da Guiana Francesa (país francófono, localizado próximo à linha do Equador, entre o Suriname e o Brasil) e do Brasil (país lusófono), e, mesmo, para abranger um maior número de leitores desta Pan-Amazônia plurilíngue. O idioma da leitura dependerá da direção em que se abre o livro.

¹⁵ (NUNES, 2005, p. 7).

Em 2014, Paulo Nunes lançou, durante uma visita a uma escola municipal de Belém, localizada no distrito de Icoaraci, o seu primeiro folheto-poético, o **Varal de Luar: poemas rápidos como um sopro**. O poeta é um dos autores homenageados pelo projeto **Memória da Literatura do Pará: ontem e hoje**¹⁶, promovido pelo Sistema de Bibliotecas Escolares (SISMUBE) da Semec – Belém. Ainda neste ano de 2014, publicará coletânea de microcontos em versos sobre os mitos da Amazônia, intitulada **Gitos: meus minicontos amazônicos**, pela Editora Paka-Tatu. E, participa do **Projeto Tocaiúnas**¹⁷, com a antologia **Livro Insagrado das Traquinagens**, pela Editora LiteraCidade.

Quanto ao processo criativo e a opção da modalidade de gênero, a escritura de Paulo Nunes passeia do conto ao poema, do infantil e juvenil ao erótico, do didático ao literário. Muito embora sua obra mais expressiva pertença à chamada literatura infantil, dada à complexidade e sutileza poética do fazer literário do escritor, ela não pode ser categorizada ou rotulada, recomendável para esta ou aquela faixa etária, como acontece nos catálogos das editoras devido à formatação e/ou edição dos textos. Não obstante alguns autores “recebam o rótulo de infantis, não escrevem intencionalmente para o público de faixa etária menor, mas são lidos com muito gosto por tal público e com prazer estético por adultos, dotados de fina sensibilidade e discernimento, para

¹⁶ O projeto **Memória da Literatura do Pará: ontem e hoje**, promovido pelo Sismube/Semec tem por objetivo resgatar e valorizar as obras de autores paraenses e incentivar a leitura nas 59 escolas que compõem a Rede Municipal de Educação de Belém. O projeto vem sendo desenvolvido desde o ano de 2013 com a divulgação da história de vida e das obras de cerca de 80 autores paraenses. Com o projeto, os alunos participam de pesquisas, montam peças teatrais, recitam poemas e ainda têm a oportunidade de interagir com os próprios autores durante os circuitos de visitas às escolas. Este ano, participam do projeto os escritores contemporâneos: Bella Pinto, Alfredo Garcia-Bragança, Amaury Braga Dantas, Andersen Medeiros, Antônio Juraci Siqueira, Daniel da Rocha Leite, Edvandro Pessato, José Antonio Neto, Luiz Peixoto o “Jabutigão”, Paulo Nunes, Rufino Almeida e Walcyr Monteiro. Informações disponíveis em: <memoriadaliteraturadopara.blogspot.com.br>. Acesso em: 18 out. 2014.

¹⁷ Idealizado pelos poetas Airton Souza e Elaine Soares, o título do projeto advém de uma aglutinação dos nomes dos rios Tocantins e Itacaiúnas que passam pelo município de Marabá/PA. Os objetivos centrais do projeto são: tornar o livro acessível, a baixo custo; divulgar a literatura produzida na região; e, fomentar a leitura como um processo humanizador. A primeira edição do projeto conta com a participação de onze escritores, sendo nove de Marabá e dois de Belém (entre estes, Paulo Nunes); cada participante terá sua obra publicada numa tiragem de 300 exemplares (SOUZA, Airton. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nath_2a@hotmail.com> em 21 out. 2014).

reconhecerem a arte na elaboração da obra”¹⁸. Para os textos literários não existem fronteiras, são as linhas tênues da sensibilidade do leitor que delineiam seu terreno.

A obra de Paulo Nunes revela um ser múltiplo, um cidadão militante pela causa da educação literária. Pode-se perceber, no bojo de sua escritura, ao menos em parte dela, uma preocupação em manter vivas as memórias e as raízes culturais amazônicas, numa estratégia criativa que denomino de **mitopoética**, pois que encontra nos mitos, os motivos e temas que ultrapassam as fronteiras do concreto e mergulham no maravilhoso terreno movediço da imaginação simbólica.

A **mitopoética** ou **poética do mito** é uma apropriação do campo literário da **Mitodologia** de Gilbert Durand¹⁹. A mitopoética se concretiza numa prática sensível, prudente, fundamentada historicamente, da reescritura do mito a qual constitui um processo de **Mitologia Comparada** ou **Poética Comparada**. O comportamento mitopoético poderia ser definido como um estado ao qual o indivíduo (nesse caso o artista, ou, mais precisamente, o poeta) tenta chegar pelos caminhos do imaginário a uma metamorfose de estado que lhe permite libertar-se de toda determinação e viver um tempo reversível, porque se inscreve na memória. É este comportamento mitopoético que dá ao escritor a possibilidade de revelar o secreto, o oculto; de transcender a condição humana, de voltar a uma palavra original, através de sua enunciação.

Enfim, como se trata de autor em plena atividade estético-literária, torna-se, o leitor já desconfiou disso, difícil se fazer uma biobibliografia exata. No entanto, o que aqui está registrado serve de roteiro para se ter uma referência sobre a literatura de Paulo Nunes. Convido-os à leitura!

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 2. reimpr. da 4. ed. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção Elos; 2)

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

¹⁸ (RESENDE, 1988, p. 13).

¹⁹ (DURAND, 1982, 1995?, 1996, 2011, 2012).

CRUZ, Nathália da Costa. **Água, tempo e memória:** o imagético e o simbólico em *Banho de Chuva* de Paulo Nunes. Monografia (Pós-graduação *lato sensu* em Língua Portuguesa e Análise Literária) Universidade da Amazônia, Belém/PA, 2011.

_____. **A mitopoética na obra de Paulo Nunes:** ensaio sobre Literatura e Educação na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém/PA, 2013.

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitodologia.** Tradução de Hélder Godinho e Vitor Jabouille. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

_____. **A imaginação simbólica.** Tradução (da 6. ed. franc. – 1993) de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1995? (Perspectivas do Homem – As culturas, as sociedades)

_____. **Campos do imaginário.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução de Renée Eve Levié. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011. (Coleção Enfoques. Filosofia)

_____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário:** introdução à arquetipologia geral. Tradução de Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 2. ed. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1992.

NUNES, Paulo. **Em Citrial:** uma história que parece duas. Ilustrações de Branco Medeiros. Belém, PA: Edições SEMEC, 1986.

_____. **Vaginário.** Belém, PA: Edições Alpharrábios, 1993.

_____. **Arco Mutante dos Huancos.** Belém, PA: Edições Alpharrábios, 1997.

_____. **O mosquito qu'engoliu o boi.** Capa e ilustrações de Emmanuel Nassar. Belém, PA: Paka-Tatu, 2002.

_____. **Água de moringa.** Belém, PA: Editora Amazônia, 2003. (Coleção Pará Didática)

_____. **Fios de Meada:** contos amazônicos recontados por Paulo Nunes.= Comme lês fils d'une pelote: contes amazoniens repris par Paulo Nunes e Mots tissés: contes de Guyane = Palavras tecidas: contos da Guiana. Belém, PA: IAP; CRDP – Guyane; Promolivres, 2005.

_____. **Baú de bem-querer.** São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Lua Nova. Série Pererê II)

_____. **Ou**: poemas não são linguagens. Belém, PA: Edição do Autor, 2007.

_____. **Banho de Chuva**. Ilustrações de Emanuel Franco. 6. ed. rev. e ampl. Belém, PA: Editora Amazônia, 2014.

RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

